

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

ROGÉRIO LEMOS

**A Palavra de Deus e o rito da palavra exercido pelo ministério de leitor na liturgia
sacramental**

ESPECIALIZAÇÃO EM LITURGIA, CIÊNCIA E CULTURA

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

ROGÉRIO LEMOS

A Palavra de Deus e o rito da palavra exercido pelo ministério de leitor na liturgia sacramental

ESPECIALIZANDO EM LITURGIA, CIÊNCIA E CULTURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao orientador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a conclusão do curso de ESPECIALIZAÇÃO em LITURGIA, CIÊNCIA E CULTURA, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Furlin.

SÃO PAULO

2016

ORIENTADOR

DEDICATÓRIA

À minha mãe Ivone Maria Lemos e ao meu pai Almiro Viana Lemos (*In Memoriam*), pelo tempo, incentivo, confiança, amor e bom testemunho que sempre deram a mim e aos meus irmãos. Ao povo fiel a mim confinado da paróquia Nossa Senhora Aparecida como vosso pastor. Ao curso de especialização em Liturgia, ciência e cultura da PUC-SP.

LEMOS, Rogério: *A Palavra de Deus e o rito da palavra exercido pelo ministério de leitor na liturgia sacramental*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP - 51 p. 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC)

RESUMO: O presente trabalho de conclusão de curso em liturgia, ciência e cultura, cujo tema é a Palavra de Deus e o rito da palavra exercido pelo ministério de leitor na liturgia sacramental, pretende por meio de uma reflexão litúrgico-teológica, demonstrar o valor da participação dos fiéis leigos no ministério de leitor, a sua dignidade e valor em anunciar a Palavra de Deus nas celebrações sacramentais da Igreja.

Encontra-se, ainda hoje, uma deficiente interpretação do papel do fiel leigo na ação litúrgica da Igreja. A sua participação é vista em segundo plano, como suplência ou um serviço de menor valor. O trabalho faz um recorte dentro do rito eucarístico, apresenta como a Palavra de Deus se dá e se relaciona com o homem. Como o rito se relaciona com o ministério de leitor e o seu lugar garantindo a sua participação ativa e frutuosa. E busca mostrar que a técnica desenvolvida pelo “Laboratório Litúrgico”, vem fazendo escola. Esta técnica pode e deve ser aplicada para um maior entendimento e vivência do ministério de leitor realizado por um fiel leigo.

Na perspectiva deste estudo, é possível superar o entendimento errôneo que há acerca do papel do leitor como ministro nomeado. Superando a visão de que o presbitério é espaço exclusivo do ministro ordenado, o fiel leigo vai assumindo o seu devido papel e passa a ocupar o seu lugar, com a devida honra e dignidade. Esta nova postura provoca implicações na vida da Igreja e no próprio ser da pessoa cristã, contribuindo para uma realidade melhor para si e para os outros.

Palavra Chaves: Liturgia, Palavra de Deus, ministério, leitor, leigo.

SIGLÁRIO

DA = Documento de Aparecida

DV = Dei Verbum

EG = Evangelii Gaudium

SC = Sacrosanctum Concilium

VD = Verbum Domini

ELM = Elenco de Leituras da Missa (2. Ed. Típica, 1981). In: A mesa da Palavra I. São Paulo: Paulinas, 2007. (Col. Comentários.)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I. CAPÍTULO - A PALAVRA DE DEUS E A PALAVRA HUMANA	09
1. - A compreensão da Palavra de Deus.....	09
1.1 – Palavra e revelação.....	10
1.1.1 – Dei Verbum.....	10
1.1.2 – A gênese da Palavra de Deus.....	11
1.2 – A Palavra de Deus e a Igreja.....	12
1.3 – A Palavra de Deus e a Liturgia.....	14
2. – A Palavra humana em forma de linguagem.....	16
2.1 – A linguagem humana.....	17
2.2 – A linguagem divina.....	18
II. CAPÍTULO – DO RITO AO ANÚNCIO DA PALAVRA: O LEIGO NA VIVÊNCIA DO MINISTÉRIO DE LEITOR.....	20
1. - O rito.....	20
1.1.– Rito, teologia e antropologia.....	22
1.2. – Rito e mito.....	24
1.3.– Rito e ritualidade.....	25
2. – A liturgia da Palavra na celebração eucarística: expressão do rito e da ritualidade.....	26
2.1 – A liturgia, como espaço próprio da Palavra.....	26
2.2 – Estrutura da liturgia da Palavra.....	28
2.3 – O ambão: o lugar teológico-litúrgico da proclamação da Palavra de Deus.....	28
2.4 – A leitura.....	29
2.5 – O leitor: ministério do anúncio.....	30
a) Ministérios instituídos.....	31
b) Ministérios não instituídos.....	31

III. – CAPÍTULO – LABORATÓRIO LITÚRGICO.....	32
1. Fundamentação do Laboratório Litúrgico.....	32
1.1 – O Laboratório Litúrgico – sua gênese.....	32
1.2 – O que é um laboratório litúrgico?	33
1.3 – O conceito, estrutura e a fundamentação do Laboratório Litúrgico.....	35
1.4 – Aplicação e avaliação.....	37
1.4.1 – Aplicação.....	37
1.4.2 – Avaliação.....	38
1.5 – O Laboratório Litúrgico e sua contribuição para a formação dos leitores.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
ANEXO – UMA PROPOSTA DE LABORATÓRIO PARA LEITORES.....	43
BIBLIOGRAFIA.....	48

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca trazer uma reflexão acerca do ministério de Leitor realizado na ação litúrgica de nossa Igreja. O objetivo da *Sacrosanctum Concilium* foi favorecer a participação ativa, consciente, plena, piedosa e frutuosa de toda a assembleia litúrgica. Em meio a uma gama enorme de escolas e práticas litúrgicas, será que o fiel leigo, encontra, a partir do sacerdócio real, o espaço para viver tudo aquilo que Deus comunicou e conformou pela graça batismal a sua vida? Foram trabalhados, neste trabalho de conclusão de curso, três capítulos que ajudaram a formar as considerações finais, findando numa esperançosa possibilidade deste trabalho colaborar numa ação maior do fiel leigo na ação litúrgico-sacramental da Igreja.

O primeiro capítulo trata-se de como a Palavra de Deus é compreendida e da capacidade do homem se expressar em comunicação verbal com este Deus ao longo da história da Salvação, abordando também a relação da linguagem humana com a linguagem divina e o resultado obtido como o fruto desta relação dialogal Deus com o homem.

O segundo capítulo contempla a reflexão acerca do rito para findar no rito da Palavra na celebração eucarística. A importância da mesa da Palavra, dos livros próprios para realização deste rito e o ministério do leitor.

O terceiro tem como objetivo apresentar um testemunho concreto partindo da valorização do estudo da Sagrada Liturgia empregada no “Laboratório Litúrgico” e a possibilidade de adaptação do esquema do laboratório para a formação de leitores em nossas comunidades. A gênese deste diálogo foi a intenção de propor um laboratório de leitores que realize um trabalho semelhante ao que o “Laboratório de Liturgia” realizava na época com os estudantes no antigo CENTRO DE LITURGIA da Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. A sugestão para a criação de um projeto para a formação e aprimoramento da técnica para o anúncio da Palavra de Deus foi do orientador. Acolhendo a sua sugestão e partindo da reflexão feita neste trabalho, apresento como em anexo a este trabalho um modelo simples, mas capaz de provocar uma maior valorização dos leigos na ação litúrgico-sacramental da Igreja e ajudá-los na realização de sua missão.

Nessa moldura, o resultado alcançado por este trabalho foi a contribuição com um modelo de laboratório para leitores, uma proposta a partir da criação de uma oficina de leitores, para colaborar na formação e aprimoramento de leitores em nossas comunidades eclesiais.

CAPÍTULO I

A PALAVRA DE DEUS E A PALAVRA HUMANA

1. A compreensão da Palavra de Deus

A Escritura é Palavra de Deus aos homens, pois Deus se dignou a falar aos homens de ontem e de hoje. A Palavra de Deus é sempre atual, por isso, a Igreja afirma que:

Deus falou aos homens através de outros homens por ele escolhidos para esse fim, mas sobretudo por meio de seu Filho, Jesus Cristo (Hb 1,1-2). Desse modo, a Palavra de Deus tornou-se linguagem humana sem deixar de ser Palavra de Deus, assim como o Filho de Deus se fez homem sem deixar de ser Deus; e sujeitou-se, tal como Ele, às limitações e condicionamentos da palavra humana, exceto no erro formal¹.

A liturgia se torna o lugar privilegiado para o anúncio e a escuta da Palavra Divina, pois possui condições para acolher essa Palavra e proclamá-la aos outros, por direito e dever, como se pode verificar: “entre os diversos modos de ler a Palavra de Deus (exegese, estudo crítico, literário, teologia bíblica, meditação pessoal), está com forma própria e plena, sua proclamação na assembleia litúrgica”², tendo a liturgia toda autoridade para comunicar a Palavra de Deus.

Os documentos do Magistério assumem e se esforçam para expressar fielmente a vontade de Deus por meio da escuta e da prática atenta e tenaz da Palavra Sagrada³.

É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis. Foi por isso que, desde o início, a Igreja acolheu como sua a antiquíssima versão grega do Antigo Testamento, chamada dos Setenta; e tem sempre em honrosa consideração as outras versões orientais e as versões latinas, principalmente a chamada Vulgata. Como, porém, a palavra de Deus deve estar à disposição de todas as épocas, cuida a Igreja com materna solicitude para que se façam para as várias línguas versões adequadas e corretas, principalmente dos textos originais dos livros sagrados. Se estas, havendo

¹ BÍBLIA: **Bíblia sagrada**. 4.^a ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica. 2002.

² CASTELLANO, Jesús. Palavra de Deus e oração da Igreja – o diálogo da Salvação. In: **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 283-3133. (Coleção Liturgia fundamental)

³ Os textos que nos ajudam no entendimento de realizar a vontade de Deus estão nos documentos da PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA - A Interpretação da Bíblia na Igreja, no texto do papa emérito BENTO XVI, a *VERBUM DOMINI* – Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. E, por fim, o texto da CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, documento de Estudos da CNBB 86 – crescer na leitura da Bíblia.

oportunidade e anuência da autoridade eclesiástica, forem feitas inclusive em colaboração com os irmãos separados, poderão ser utilizadas por todos os cristãos. (DV n. 22)

Percebe-se, a partir da DV n. 22, o quanto é pertinente o anúncio da Palavra de Deus na Igreja em sua ação bíblico-litúrgica e o quanto esse anúncio enriquece ainda mais a sociedade e a existência da Igreja. Assim, a Igreja, por meio do Magistério, corrobora no anúncio de Jesus Cristo hoje e sempre⁴ e na formação da pessoa humana que o proclama ao mundo como verdadeiro arauto, discípulo e missionário do Senhor⁵. Contudo, vale lembrar que o “magistério evidentemente não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço”⁶.

1.1 – Palavra e revelação.

A Igreja recebe a Sagrada Palavra como fonte da revelação, pois a “Sagrada Escritura é o conjunto dos livros escritos por inspiração divina, no qual Deus revela a si mesmo e nos dá a conhecer o mistério da sua vontade”⁷. Deus fala ao homem por meio de outros homens por Ele escolhidos para esse fim.

Com efeito, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos e conversa com eles [...] e é tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja. (DV 21)

A Igreja compreende que a sua missão primeira é anunciar a Palavra Divina, “*Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura*”⁸, para tal, necessita distinguir claramente o que é a Palavra Divina e o que é a palavra humana, e assim, não se perde no conteúdo do anúncio.

1.1.1 – *Dei Verbum*

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV) ressalta, segundo Teixeira, que o “Deus bom e sábio revela a si mesmo por sua própria vontade [...]. Com efeito, esta revelação acontece na história, por meio de ações e palavras”⁹. Teixeira ainda afirma que “Deus é presença que se autocomunica em eventos e palavras, propondo à humanidade um diálogo de salvação”¹⁰. A

⁴ Is 40,8; 1 Ped 1,23-25.

⁵ DOC. DE APARECIDA, 2007; CNBB doc. 62; CNBB doc. 94.

⁶ CNBB. Estudos da CNBB 86 – crescer na leitura da Bíblia. São Pulo: Paulus, 2003, p.106.

⁷ BÍBLIA SAGRADA. 4.^a ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2002, p. 08.

⁸ Mc 15,15.

⁹ TEIXEIRA, César. A revelação de Deus na História e nas escrituras. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana., MARÇANEIRO, Marcial. (Org.). **As janelas do Vaticano II**: a Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida: Santuário, 2013, p. 158.

¹⁰ TEIXEIRA, César. **A revelação de Deus na História e nas escrituras**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 155.

DV, abordando questões inerentes à revelação, divide-se em três partes fundamentais para a compreender a Revelação como evento de Salvação¹¹.

Segundo Teixeira:

A primeira parte ocupa-se de questões inerentes à Revelação, em três aspectos relevantes: o dinamismo da revelação; revelação e história; revelação e criação. A segunda parte destaca alguns detalhes importantes sobre a transmissão, no tocante à Tradição e à Escritura como veículos da Palavra de Deus; o aspecto humano e divino de Jesus Cristo; Jesus Cristo como fonte viva da tradição e da escritura. A terceira parte aborda alguns aspectos sobre a interpretação, enquanto inspiração que transforma; escritura e inspiração; as verdades das escrituras; inspiração na dinâmica fé e razão¹².

A DV 7-10 reafirma, de forma contundente, que a transmissão do Evangelho é a principal atividade da Igreja e que essa missão foi herdada desde as promessas feitas aos profetas, chegando à Igreja pela Tradição, sendo perpetuado por todas as gerações tudo aquilo que a Igreja é e tudo quanto ela acredita¹³.

Portanto, “valorizando a Escritura em seu uso na Sagrada Liturgia, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* inicia um processo que ainda encontra-se em andamento: a centralidade da Palavra como expressão do Mistério da Pessoa e Missão de Jesus Cristo”¹⁴.

1.1.2 – A gênese da Palavra de Deus

A Palavra de Deus tem como fonte e origem Deus Pai, pois a “economia da revelação tem o seu início e a sua origem em Deus Pai”. E que “pela sua palavra ‘foram feitos os céus, pelo sopro da sua boca todos os seus exércitos’ (Sl 33,6)”¹⁵. Nessa perspectiva, a bíblia, “mais do que um livro ou uma biblioteca, é uma pessoa – a Pessoa de Deus Pai, que, para entrar em

¹¹ O Professor Teixeira fala de três aspectos, o dinamismo da revelação; revelação e história; revelação e criação. In: TEIXEIRA, César. **A revelação de Deus na História e nas escrituras**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 157.

¹² TEIXEIRA, César. **A revelação de Deus na História e nas escrituras**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 157-158.

¹³ TEIXEIRA, César. **A revelação de Deus na História e nas escrituras**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 162.

¹⁴ NEGRO, Mauro. **A Sagrada Escritura na vida da Igreja**. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana, MARÇANEIRO, Marcial. (Org.). **As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 208.

¹⁵ VD, 20.

comunhão conosco, pelo Espírito Santo se revelou em Jesus Cristo, ‘a imagem do Deus invisível’” (Cl 1,15)¹⁶.

A DV, segundo Negro, afirma que o “testemunho da Palavra divina é acolhida, narrada e proclamada, tendo Jesus por centro e chave hermenêutica originária”¹⁷, pois “é Cristo quem se pronuncia, como verbo vivo de Deus”¹⁸. Esta maravilha acontece porque exatamente Deus quis dar-se a nós, conforme enfatiza a DV 2: “Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade” e continua a asseverar que “este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si [...]”¹⁹. Esses acontecimentos e palavras não são frutos do acaso, mas de eventos sucessivos ao longo da história²⁰, o Vaticano II, citando Agostinho, nos elucida o quanto este percebia e compreendia o dinamismo²¹ que a Palavra de Deus possui: “[...] o mundo inteiro ouvindo creia, crendo espere, esperando ame”²².

Portanto, a Palavra de Deus constitui o primeiro e mais importante meio de comunhão entre Deus e seu povo²³. A Palavra de Deus se faz sacramento²⁴, sinal visível e invisível da graça de Deus. A Palavra é dialogo porque tem como meio comum a palavra²⁵. A Palavra de Deus é vida que comunica a vida, pois é “Palavra do Deus vivo, que comunica a vida, dirigida a homens vivos, para ser vivida! Sua natureza exige que seja experimentada, que seja posta em prática”²⁶.

1.2 - A Palavra de Deus e a Igreja

A Palavra de Deus é dirigida à Igreja, a cada um dos fiéis que dela participa e que são naturalmente ouvintes da Palavra divina. O anúncio acontece na Igreja para colaborar com o seu crescimento, sem o qual a Igreja não poderia ser luz para os seus fiéis e para a humanidade. Para Teixeira, a Palavra Divina e a Igreja nutrem uma relação intrínseca:

¹⁶ BÍBLIA SAGRADA. 4.ª ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2002, p. 12.

¹⁷ NEGRO, Mauro. **A Sagrada Escritura na vida da Igreja**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 195.

¹⁸ Ibidem, p. 195.

¹⁹ NEGRO, Mauro. **A Sagrada Escritura na vida da Igreja**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 197.

²⁰ Ibidem, p. 197.

²¹ CASTELLANO, Jesus. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiências**. Trad. Antonio Efro Feltim. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 306-307. (Coleção Liturgia fundamental).

²² AGOSTINHO. **De catechizandis rudibus**. cap. IV, n. 8. In: DV, 1.

²³ CASTELLANO, Jesus. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiências**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 283 - 312.

²⁴ CASTELLANO, Jesus. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiências**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 290-291.

²⁵ SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **O livro do leitor**. Fátima: [s.n.], 2007, p. 113-114.

²⁶ CASTELLANO, Jesus. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiências**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 308.

Este diálogo atravessa os tempos, resplandece no cosmos e a torna definitivo na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo encarnado. Criado à imagem do Verbo, o ser humano é interlocutor e hermenêuta da Revelação, não só em suas coordenadas universais, mas enquanto sujeito crente e eclesial, inserido na comunidade de fé que é a Igreja. Graça e história, fé e razão, Palavra e hermenêutica se cruzam no processo contínuo de ouvir, compreender e testemunhar a Revelação de Deus em Cristo²⁷.

O Papa Emérito Bento XVI afirmou, em sua exortação pós-sinodal *VERBUM DOMINI*, que “A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela”²⁸. A Igreja e a Palavra possuem uma simbiose, fruto de uma relação própria da Palavra de Deus e da Igreja ao longo dos tempos (Jo 1, 11-14). A Igreja acolhe a Palavra²⁹ e dela se alimenta até a parúsia (Mt 28,20).

Nesse sentido, por meio de uma relação profícua entre Igreja e Palavra emerge por parte da comunidade de fé uma resposta à Palavra Divina comunicada. O axioma “*lex orandi, lex credenti!*”³⁰ é a resposta oracional genuína da comunidade de fé. A Igreja encontrou, por intermédio de uma resposta oracional devido ao dinamismo próprio da Palavra Divina, uma forma múltipla de se expressar, de dar resposta ao Deus que fala pelas escrituras. Por intermédio das “orações, cantos, hinos, antífonas, respostas... tudo impregnado e inspirado pela Palavra - que constituem a parte do diálogo eclesial que compete à assembleia da Igreja que ora com sua mente e seu coração dirigidos ao Pai, por Cristo, no Espírito”³¹ e expressa o seu amor ao Deus que fala conosco.

Portanto, na VD n. 51 notamos a compreensão teológica que Bento XVI possui acerca da temática sobre a Palavra de Deus e a Igreja. Bento XVI, afirma na VD que a Igreja é “Mestra [...] vive do Evangelho, da Boa Nova, da Palavra de Deus e a comunica como um dom a todos

²⁷ TEIXEIRA, César. **A revelação de Deus na História e nas escrituras**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 155.

²⁸ Cf. XII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, **Instrumentum laboris**. 27. In: VD. 3.

²⁹ V D, 50.

³⁰ O axioma identificado como de Próspero de Aquitânia significa algo como “a lei que se ora é a lei que se crê”. Lei aqui não tem sentido legalista, mas é expressão de adesão interior, de inteligência e vontade, a algo maior que si mesmo. Este é um conceito que se pode dizer “original”, não por seu ineditismo, mas por sua relação com as origens ou momentos fundantes. Aquilo que se crê é para ser celebrado não com simples fórmulas, mas sim com expressões de adesão ao Mistério de Deus em Cristo e, agora, na Igreja. Este Mistério é conhecido especialmente na Liturgia, na qual é também celebrado. Na liturgia pré-conciliar não havia muito espaço para novos anúncios. Os textos eram bem mais reduzidos ou selecionados, especialmente os do Novo Testamento, tornando o Antigo Testamento um conjunto pouco apresentado ou proposto apenas como razão litânica, como os salmos. In: NEGRO, Mauro. **A Sagrada Escritura na vida da Igreja**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 207.

³¹ CASTELLANO, Jesus. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiências. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 309.

que desejarem escutar, com fé, esperança e amor”³². Bento XVI afirma que este era o desejo dos Padres Conciliares³³, portanto, da Igreja hoje.

1.3 – A Palavra de Deus e a Liturgia

O aspecto da presença da Palavra de Deus é uma herança antiquíssima³⁴. Desde a cultura judaica até o surgimento das comunidades cristãs, a liturgia é marcada de forma tenaz na ação ritual³⁵. O n. 24 da SC aborda, em um artigo específico, a importância da Palavra de Deus na liturgia insistindo na reforma dos ritos tanto da Igreja Oriental, bem como, da Igreja Ocidental e que ambas devam dar importância à centralização da Palavra de Deus³⁶ na vida litúrgica da comunidade. A SC n. 24 apresenta a fundamentação para tal orientação.

1º- Que a Palavra de Deus tem um papel primordial na celebração litúrgica;

2º- A Palavra de Deus é lida e explicada na homília;

3º- A Palavra de Deus está presente nos salmos, nos hinos e orações litúrgicas;

4º- Na adaptação litúrgica, é preciso ter cuidado para que haja um diálogo suave e vivo capaz de despertar “o gosto pela Sagrada Escritura”.

A liturgia é o lugar natural para o anúncio, pois é onde se deve realizar a proclamação da Palavra de Deus³⁷. Negro afirma que: “A Sagrada Escritura está para a Liturgia como a alma de sua comunicação³⁸”. O autor ainda afirma que a Sagrada Escritura é “proposta na liturgia como o alimento é proposto sobre uma mesa de comensais. Ela comunica Deus como um dia a Tohar ou o Pentateuco, os Profetas e os Escritos o fizeram”³⁹.

Basurko e Goenaga comentam sobre o artigo SC 6:

³² VD, 52.

³³ “São palavras com as quais o concílio indica um aspecto qualificante da Igreja: esta é uma comunidade que escuta e anuncia a Palavra de Deus. A Igreja não vive de si mesma, mas do Evangelho; e do Evangelho tira, sem cessar, orientação para o seu caminho. Temos aqui uma advertência que cada cristão deve acolher e aplicar a si mesmo: só quem se coloca primeiro à escuta da Palavra é que pode tornar-se seu anunciador”. BENTO XVI, Discurso no congresso Internacional “A Sagrada Escritura na vida da Igreja” (16 de setembro de 2005): AAS 97 (2005), 956. In: VD, 51.

³⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA – **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, p. 148-150.

³⁵ At 1,20; 2,17-25; 2, 42-45.

³⁶ SC, 24.

³⁷ FRANCISCO. *EVANGELII GAUDIUM* – A Alegria do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2ª ed.. 2014. n. 137-138.

³⁸ NEGRO, Mauro. **A Sagrada Escritura na vida da Igreja**. Aparecida: Santuário, 2013, p. 208.

³⁹ *Ibidem*, p. 208.

Desde o começo da vida da Igreja, a salvação de Deus se fez presente nela, “lendo ‘tudo quanto a ele se referia em todas as Escrituras’ (Lc 14,27), celebrando a Eucaristia”. Daí vem a importância da palavra na liturgia e o mistério de salvação, que a Igreja traz para as suas celebrações.

Basurko e Goenaga (ano, p.) ressaltam a primazia da Palavra de Deus na Liturgia, fundamentados na SC 7, 33 e 56.

“Cristo [...] está presente pela sua palavra, pois é ele mesmo quem fala quando se leem as Escrituras... Cristo ainda anuncia o Evangelho”. É esse o mistério de salvação que a palavra celebrada traz à Igreja. Presença e salvação de Cristo que não se justapõem à presença e salvação realizadas no sacramento, mas se encontram “tão estreitamente unidos que formam um único ato de culto” (SC 56).

Da definição da teologia da Palavra exposta pela SC 7, 33 e 56 surgiram as bases que fundamentaram as normas práticas dadas pelo Concílio Vaticano II no documento Conciliar para a Sagrada Liturgia. Afirmam Basurko e Goenaga que:

Da teologia da palavra aí exposta derivam as normas práticas ditadas pelo Concílio: enriquecimento do lecionário na celebração da eucaristia, recuperação da homília como parte da própria ação litúrgica e fomento das celebrações da palavra (SC 35). Embora o Concílio não tenha tratado dos lecionários dos diferentes sacramentos, os rituais foram enriquecidos, sob sua inspiração, com uma abundante seleção de perícopes para as celebrações sacramentais. A catequese conciliar sobre a palavra na liturgia e os novos lecionários contam entre as melhores realizações da constituição *Sacrosanctum Concilium*. O novo lecionário da missa inspirou a reforma de lecionários de outras confissões cristãs.

Desse modo, encontramos na Palavra de Deus e na Liturgia uma estreita e profunda ligação que não somente revela a vontade do Pai, mas que se torna caminho de Salvação para todos que a escutam e a praticam, pois “é enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia”⁴⁰. É dever da liturgia proclamar a Palavra de Deus, para que todos

⁴⁰ SC, 24.

tenham a possibilidade de vivê-la e buscar a salvação. Em essência, a Liturgia é caminho de salvação⁴¹.

2. A Palavra humana em forma de linguagem

Como um instrumento, a “linguagem possibilita atestar nossa existência no ser. Uma existência que conhece, imagina e confia; uma existência que sofre e se alegra; uma existência fulgurante”⁴². Falar é uma característica própria do ser humano. “A linguagem nos abre a realidade. Por meio dela ouvimos, percebemos, conhecemos, esperamos, imaginamos, calculamos, confiamos [...]”⁴³. Buzzi afirma que a “linguagem é um universo absoluto”. O homem, para existir, necessita fazer parte do universo da linguagem; “Aqui mora o homem. [...] Quanto mais ingressarmos nas palavras que falamos, mais nos aproximamos da criação e, conseqüentemente, moramos próximos dos fatos, dos sentimentos e esperanças [...] todos os discursos têm esse poder de aproximação”⁴⁴ e de confronto.

A linguagem nos cria e movimenta, “à medida que aprendemos a falar, a linguagem nos incendeia e seu fogo ilumina a realidade que está junto a nós. Esta, toda crepitante, de repente, soa como música celeste”⁴⁵. Como o poema de Fernando Pessoa.

“No princípio era a linguagem...

E a linguagem armou a tenda entre nós” (Jo 1,1-14).

Moramos na tenda da linguagem. Nós e todas as coisas!

[...] “Minha pátria é a língua portuguesa” (Pessoa, F.)⁴⁶.

Portanto, a “linguagem nos dá o poder de retomar a imediatez das sensações e intenções, transpô-las para uma existência mais alta e vivê-las na mediatez de uma representação significativa”⁴⁷, tornando a linguagem um instrumento necessário para a fluidez da vida, da comunicação, do existir. Por

⁴¹ COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade como momento histórico da salvação**: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 13-24.

⁴² PESSOA, F. in: BUZZI, Arcângelo R.. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 15.

⁴³ BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p.17.

⁴⁴ BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 20.

⁴⁵ BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 22.

⁴⁶ BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 15.

⁴⁷ BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 16.

meio da experimentação, da percepção e da realidade, o ser humano se constrói para o mundo e se relaciona com ele.

2.1 – A linguagem humana

O ser humano é dotado de uma estrutura de linguagem inteligível, capaz de se comunicar com outros.

“Só o homem fala; só ele é vida que está na linguagem [...]. Só ele está no mágico poder de usar a linguagem; de interpretar e recolher os entes, caídos como frutos de árvore, para junto de sua companhia; de chamá-los pelo nome, de conhecê-los e vivê-los no rasgo de uma iluminação ‘que vai rompendo rumo’”⁴⁸.

A linguagem humana é um universo absoluto. O ser humano está no “logos”, com umas intersecções em que, fio a fio, vai se compondo o tecido que formará a tenda da linguagem. A realidade simbólica só é possível ao homem. O animal irracional não consegue formular um mundo acessível pela linguagem. Assim, afirmou Isócrates (436-338 a.C.), um antigo orador da Grécia, que “a capacidade de falar é, pois, o sinal mais importante da razão humana”⁴⁹.

O mesmo atesta em *Nicodes* 5,9 que: “[...] os restantes dons que possuímos não nos tornam superiores aos animais; pelo contrário, somos até inferiores a muitos destes em rapidez, em força e em todas as demais qualidades”. Contudo, Isócrates coloca uma adição relevante, pelo qual o homem se distingue do animal: “[...] a capacidade, em nós depositada, de convencer uns aos outros e de chegarmos a mútuo entendimento acerca de tudo o que queremos” é própria do ser humano, uma característica em todos os povos e nações, por isso, afirma ainda que tal atitude humana “[...] não só nos liberta do tipo de vida dos animais, mas permite agrupar-nos para vivermos em comum, fundarmos estados, criarmos leis e inventarmos artes”. A filosofia tem como tarefa analisar o *homo loquens* que procura a realidade e mostrar “que o ser humano, no conto com o sopro da linguagem, se faz caminho que busca, artífice de seu mundo e inventor de sua existência”⁵⁰.

A linguagem faz o homem acontecer e o torna aquilo que é. A “linguagem nos concede o poder de criar mundos fantásticos. Criação laboriosa e árdua, que se dá sob a inspiração das

⁴⁸ BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 17.

⁴⁹ ISÓCRATES. *Nicodes*, 5,9. In: BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 21.

⁵⁰ *Ibidem*. p. 25.

palavras que conhecemos, falamos ou lemos”⁵¹. Heidegger, afirma que “a linguagem fala. Nós falamos e nos correspondemos pela linguagem. Corresponder é escutar. Escutar é envolver-se num vínculo de convivência ou de pertença”⁵². A linguagem então nos proporciona, segundo Buzzi, a realidade, a procura e a convivência, sem as quais a tenda da linguagem não poderia ser habitada pelo homem.

2.2 - A linguagem divina

A linguagem, em forma de palavra, foi o modo como Deus utilizou para expressar a sua vontade. Segundo Vico, “o primeiro falar não foi um falar segundo a natureza das coisas, mas um falar fantástico por substâncias animadas, na maior parte imaginadas como divinas”⁵³. Ao criar o mundo, Deus recorre a narrativa para criar. Temos desde então, pela narrativa da criação, uma expressão formal de Deus. A narrativa localizada no livro do Gênesis relata toda a obra da criação, como verificamos no texto de Gênesis 1,1-11, segundo a Tradição Sacerdotal. Contudo, esta mesma narrativa é reproduzida numa linguagem mais popular em (Gn 2, 4b-3,24) segundo a Tradição Javista.

A narrativa da criação da humanidade, em Gn 1, 26–28, demonstra que Deus usa a linguagem para criar o homem e a mulher à sua imagem e semelhança (Gn 27)⁵⁴. O homem, assim como Deus, precisa se expressar. Deus usa a linguagem para se identificar com a criatura, dar nome, nomear-se para fazer-se entender como pessoa. Nesse contexto, a linguagem como expressão de Deus torna a língua uma presença divina, sagrada. Os cultos se organizam à medida que esses se tornam expressão da fé do povo. Costa afirma que “os números ordinais teriam surgido primeiramente em virtude da exigência ritual”⁵⁵ e que também a gramática surge com a finalidade de colaborar numa expressão ritual em que a ordem favorecesse a realização do culto; “na mesma linha, a gramática teria nascido na antiga Índia, quando se sentiu que era

⁵¹ ISÓCRATES. *Nicodes*, 5,9. In: BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 27.

⁵² HEIDEGGER, M. In: BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 30.

⁵³ VICO, G. Da lógica poética. In: BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar** – A linguagem, o Conhecimento, o Ser. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 25.

⁵⁴ “A solenidade com que o ser humano, isto é, a humanidade, foi criado manifesta que ele é o vértice da criação e a “imagem” de Deus sobre a terra. Não uma imagem de pedra ou de barro, como os deuses pagãos, mas uma imagem viva. A ideia de “semelhança” com Deus não reforça mas atenua o termo “imagem”. Ser imagem e semelhança de Deus é a vocação essencial do ser humano, criado para aperfeiçoar o mundo, para fazer dele um paraíso. **BÍBLIA: Bíblia sagrada**, Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2002, p. 25.

⁵⁵ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: Participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 60.

essencial manjar com absoluta correção de linguagem os textos sagrados”⁵⁶. Pode-se afirmar que Deus é linguagem, logo, a língua também é sagrada.

⁵⁶ Cf. X. ZUBIRI. In: COSTA, V. Santos. **Noções Teológicas de liturgia**. São Paulo: Ave-Maria, 2012, p. 21.

CAPÍTULO II

DO RITO AO ANÚNCIO DA PALAVRA: O LEIGO NA VIVÊNCIA DO MINISTÉRIO DE LEITOR

1. O rito

O rito é um símbolo importantíssimo para as manifestações das religiões. A definição do que é rito não é algo simples para a teologia sistemática e tampouco para a Sagrada Liturgia. A complexidade de emaranhados de fios que tecem o tecido ritual da Igreja Católica é extensa e densa⁵⁷. Descrever o rito na liturgia católica é um grande desafio porque, em primeiro lugar, há uma intensa vida sacramental e, em segundo lugar, a família litúrgica católica é grande⁵⁸ e a sua ritualidade pode variar de acordo com a historicidade, teologia e eclesiologia de seu tempo.

A diversidade de entendimento acerca do que é rito, além de ser densa, é também complexa, mas é possível, nesta geografia, localizar um ponto central entre os especialistas. Para Floristán, rito “é uma ação sagrada que se realiza de acordo com certas normas religiosas. Na verdade, é o mesmo que cerimônia. Hoje, a palavra designa uma celebração litúrgica em seu conjunto ou uma de suas partes”⁵⁹.

Para Costa, a celebração litúrgica exige uma participação ativa, o que a torna necessariamente uma ação simbólica. Isto porque o rito é essencialmente ativo, e não narrativo. O rito produz consequências para a vida do ser humano, pois opera a tal ponto que causa transformações. Isto, segundo Costa, ocorre no rito por meio de uma participação de qualidade afetiva e na conseqüente leveza, quando gera uma vazão para sentimentos de maior intensidade, quando trabalha o tempo e o espaço transfigurado, quando gera solenidade como arte e beleza, quando atinge a dimensão integral da vida, quando há expressão da densidade de significados, quando o diálogo é uma dimensão estrutural do rito litúrgico. Portanto, para o autor, “o rito,

⁵⁷ Maggiani, S. Rito/Ritos. In: **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1025.

⁵⁸ As famílias litúrgicas se dividem em orientais e ocidentais. As orientais são oito famílias litúrgicas e os ocidentais são seis ao total. São elas: Liturgia africana; romana clássica; ambrosiana; hispano-moçárabe; galicana e celta. In: LÓPEZ MARTÍN, Julián. **A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral**. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 117 - 134. (Coleção liturgia fundamental)

⁵⁹ JORGE, José Antonio. Rito. In: **Dicionário informativo bíblico, teológico e litúrgico** – com aplicações práticas. Campinas: Átomo, 1999, p. 456.

como arte, enleva a pessoa e a coloca em profunda e delicada comunicação com as realidades que estão para além dos símbolos”⁶⁰.

Para Cordeiro, o rito “pode definir-se como uma ação simbólica constituída por gestos e palavras com uma estrutura pré-formada e institucionalizada de carácter tradicional que favorece a participação comum e a repetição”⁶¹. Para autor, o rito também corresponde mais diretamente à ordem do fazer do que à ordem do dizer⁶².

Para Buyst, o rito tem a ver com ritualidade, pois esta compreende que “a vivência e a transmissão do sentido mistério-sacramental e até mesmo sua ‘eficácia’ (nossa transformação pascal em Cristo) dependem da maneira como os ritos são realizados”⁶³. Portanto, para o autor o rito é uma ação que é “celebrada por uma determina comunidade enquanto ‘sujeito’ (agente) deste rito”. O rito só existe, segundo o autor, “enquanto executado, enquanto participado de forma ativa, consciente, interior, plena, frutuosa [...], enquanto experiência ritual”⁶⁴.

O teólogo Julian Lopes Martín define rito como:

O conjunto de ações ou gestos simbólicos que têm por objetivo assumir, expressar, celebrar, comunicar ou transmitir os acontecimentos que motivam uma celebração, e também as atitudes pessoais e comunitárias com as quais se representa, se vive e se atualiza o que está sendo celebrado. É claro que tudo que se faz no curso do rito tem um significado simbólico e o desenrolar do conjunto dá lugar ao processo ritual. Em todo rito costumam entrar estes componentes: a palavra [...]; o gesto, que é uma forma de palavra; e os elementos naturais e os objetos de todo o tipo que são utilizados na ação ritual. O tempo e o espaço também entram [...]⁶⁵.

Segundo Cordeiro, etimologicamente, rito significa “ordem, regra”. Entretanto, a sua definição não é simples, pois muitos teólogos acreditam que devido à complexidade e ao número de elementos (antropológicos, teológicos, filosóficos, culturais, fenomenológicos, histórico-religiosos, linguísticos, psicológicos, etológicos, etc) que colaboram na construção

⁶⁰ COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 48 – 64.

⁶¹ CORDEIRO, D. José Manuel. **Corações ao alto** – Introdução à liturgia da Igreja. Lisboa: Paulus, 2014, p. 47.

⁶² CORDEIRO, D. José Manuel. **Corações ao alto** – Introdução à liturgia da Igreja. Lisboa: Paulus, 2014, p. 47.

⁶³ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 47. (Coleção Celebrar)

⁶⁴ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 145.

⁶⁵ MARTÍN, Julian Lopes. No espírito e na verdade. vol 2. p. 178. In: COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 53.

dessa definição, e ainda é possível falar de uma “cultura”⁶⁶ do rito, no entanto, esses elementos acabam sendo insuficientes para dar ao rito uma singular definição.

Sendo assim, o que sabemos é que toda a liturgia é expressa por uma ação ritual, tanto quando está a serviço da fé ou a serviço do mundo⁶⁷. E que a dimensão simbólica faz parte integrante do rito porque faz parte da dimensão ética da vida humana. Tais dimensões, como a comunicação e o diálogo, a felicidade e o bem-estar, gestos, palavras e preces, representações da vida, etc. não podem ser ignoradas.

1.1 - Rito, teologia e antropologia

Ao pensar no rito e tentar compreendê-lo, não se pode ignorar a sua dimensão teológica e antropológica, pois o rito é uma fonte de teologia e de espiritualidade, segundo Buyst⁶⁸. A celebração, por ser ritual, necessita expressar-se pelo rito tal como ele é para, assim atingir o seu objetivo. Contudo, é possível prever determinada compreensão. O instrumental para que o rito seja compreendido é fornecido pela teologia, que explica como essa ação ritualizada e a ação espiritual conduzirão a comunidade a um comprometimento, a uma atitude ética de vida. Afirma Buyst que “em nossa cultura fragmentária [sic] o rito poderá assegurar a totalidade do sentido porque ‘todo rito tenta reconstruir a totalidade [...]’” e, “os ritos ‘elaboram’ o sentido religioso, como experiência originária da totalidade”. Dessa maneira, afirma que “pensando o rito desta forma, a teologia litúrgica já está presente, [...] como ‘teologia em ato’, [...] na própria execução e experiência da ação ritual. É um elemento constitutivo do rito”. O autor compreende que “é por isso que podemos dizer que a liturgia é ‘um lugar teológico’, um espaço privilegiado da revelação e da experiência de Deus”.

A teologia litúrgica como elemento constitutivo da compreensão do rito, em seu sentido teológico-litúrgico, conduz por meio de uma raiz espiritual a categoria ética da vida cristã, como vivenciamos no final de cada celebração eucarística: “Ide em paz e o Senhor vos acompanhe”⁶⁹.

⁶⁶ “O fato de o rito abarcar todos esses âmbitos e poder ser interpretado segundo cada uma dessas dimensões faz dele uma realidade poliédrica que o aproxima do conceito de “cultura” e, por isso, dificilmente pode ser entendido de maneira não equivocada e de forma correspondente a sua etimologia original. TERRIN, A. N. **O rito; antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 17.

⁶⁷ COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 48.

⁶⁸ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 145- 160.

⁶⁹ MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 1992, p. 505.

Essa dimensão antropológica é vital para tal percepção e entendimento porque a teologia necessita de outras ciências que a qualifiquem, portanto, a dimensão antropológica do rito traz informações que asseguram uma melhor compreensão teológica.

Para Terrin, os ritos estão ligados ao ciclo da vida, por isso, essa realidade “trata-se da mais ampla gama de ritualidade, a mais persistente, porque ligadas a etapas fundamentais da vida de uma pessoa no seio de um grupo”. “Esses ritos devem ser estudados não somente na dimensão fenomenológico-teológica, mas em sua função social, psicológica e globalmente antropológica, enquanto se mostram como uma hermenêutica existencial e antropológica do viver”⁷⁰. Para o autor, a contribuição da antropologia é ímpar para a teologia litúrgica, pois o rito contribui na manutenção da “visão a holística da realidade”, afirmando:

“Os ritos ‘elaboram’ o sentido religioso, como experiência originária da totalidade. E, quando essa totalidade de sentido ameaça romper-se, o rito e as performances – pelo menos no nível formal, mas também no nível sublimar e pré-categorial – exercem uma função ainda maior: mantêm a relação com o corpo, com os códigos sensoriais e com o ambiente circundante, e por meio desse laço primitivo são capazes de impelir a recriar o todo do significado e de retornar soberanamente a uma visão ‘holística’ por detrás de qualquer possível fragmentação. E isso significa manter um ‘texto’ como ‘tecido, enredo’ para além dos textos, e é, ao mesmo tempo, uma aproximação e a ‘destinação’ do sagrado. É o que a cultura e as religiões necessitam”⁷¹.

A liturgia é “teoantropológica”⁷², por isso, a antropologia litúrgica auxilia a teologia na reflexão acerca do ser humano, “a antropologia litúrgica tem como o objeto o homem em sua relação com a liturgia, isto é, o homem como sujeito da ação litúrgica enquanto ‘*homo liturgicus*’ e não somente ‘*homo religiosus*’”⁷³. O símbolo, para a antropologia litúrgica, ajuda a definir o rito também como uma ação simbólica; o homem é um ser *liturgicus*, por isso, um ser ritual, logo o homem é um ser simbólico⁷⁴.

Portanto, a antropologia não só evidencia a importância de um saber teológico capaz de olhar a pessoa humana de forma holística, mas também coopera para que, pela ação ritual,

⁷⁰ TERRIN, A. N. **O rito; antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 43.

⁷¹ TERRIN, A. N. **O rito; antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 420-421.

⁷² A liturgia teoantropológica trata do ser humano em suas dimensões sobrenaturais, um ser na história, “filho de Deus” associado ao seu Filho Jesus Cristo. LEMOS, Rogério. **O sacerdócio real: fundamento para uma participação litúrgica ativa e frutuosa dos fiéis leigos (as)**. 2014. p. 77. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

⁷³ LEMOS, Rogério. **O sacerdócio real: fundamento para uma participação litúrgica ativa e frutuosa dos fiéis leigos (as)**. 2014, p. 78. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

⁷⁴ E. ERIKSON. In: Maggiani, S. Rito/Ritos. **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1024.

exerça a sua função na construção de um ser humano ético, capaz de “celebrar a liturgia unida a sua vida e a seu pequeno e grande mundo de ilusões, de frustrações e de esperanças”⁷⁵.

1.2- Rito e Mito

O rito e o mito fazem parte, do ponto de vista antropológico, dos meios de acesso para uma maior compreensão da pessoa humana, embora se distingam em sua origem e função social e religiosa. Costa afirma que há uma clara diferença fundamental entre rito e mito: “os mitos são em geral narrativos, enquanto os ritos são ativos, justamente por serem *performance*”. Costa faz tal afirmação partindo da reflexão de alguns especialistas, como notamos:

- a. Terrin: “um rito é inapreensível; é vivido, é experimentado e participado, não é narrado; é um ‘hipertexto’, e não somente um texto linear capaz de ser transcrito e relatado”⁷⁶.
- b. Dionísio Boróbio afirma que “se os mitos são a explicação teórica da experiência, os ritos são a explicação prática. O mito pertence à ordem da narração, o rito à ordem da ação”⁷⁷.
- c. Xavier Pikaza: o “rito é de forma geral o gesto que recorda e revive, através de sinais expressivos, o poder criador do divino”⁷⁸.

Costa afirma que o “rito está ligado à esfera da religião, que não é um modo de pensar, mas de atuar no mundo”. O autor ainda distingue que “o mito funciona por meio de um simbolismo de conhecimento, contado narrativamente, enquanto a religião se enquadra no plano do simbolismo de ação, celebrando em forma de ritual”⁷⁹.

Portanto, é importante ressaltar que as conclusões de Costa nos levam a crer que a liturgia “emoldura” a realidade do rito porque este nos apresenta o “tempo presente” no presente, não é uma recordação do passado, e tampouco uma lembrança. O mito se encontra na memória, se traduz em ações apenas da memória, e se dá somente na narrativa. Pode-se afirmar que a liturgia só pode ser celebrada dentro do rito. O rito cristão, segundo Costa, não se reduz

⁷⁵ LEMOS, Rogério. **O sacerdócio real: fundamento para uma participação litúrgica ativa e frutuosa dos fiéis leigos (as)**. 2014, p. 78. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

⁷⁶ TERRIN, Aldo Natale. Antropologia e horizontes do sagrado. p. 290-291. In: COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 51.

⁷⁷ BORÓBIO, Dionísio. **A celebração na Igreja**. vol. 2. São Paulo: Loyola, 1993, p. 422.

⁷⁸ PIKASA, Xavier. El fenómeno religioso. p. 220. In: COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 51.

⁷⁹ COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 51.

a ritualismo, mas a uma vivência do rito/sacramento⁸⁰. Essa é a grande riqueza do rito cristão: vai além dos sinais sensíveis, chega também ao visível da gratuidade de Deus. A “extensão da categoria sacramental à simbólica litúrgica foi a grande descoberta da teologia sacramental”⁸¹.

1.3 - Rito e ritualidade

Uma vez que se compreende o que é o rito, sua característica e importância vital para a liturgia, é necessário compreender também o que é ritualidade, qual a sua definição e a distinção entre rito/ritualidade e ritualismo.

O rito nos conduz à celebração do mistério; é de sua natureza realizar tal ato. Ele nos faz viver o presente, é uma memória viva e atual que não decrepita, embora traga o passado, e não se distancia da realidade, por isso, apresenta-se no presente. O rito nos convida a celebrar essas memórias do passado trazendo-as para o presente para serem vividas, assumidas, assimiladas em nossa vida e história. Esse processo⁸² não é feito de forma passiva e vai além; deve ser também realizada de forma frutuosa, consciente, piedosa e plena, suscitando a participação de todos na comunidade celebrativa⁸³. Segundo Buyst, “a vivência e a transmissão do sentido místico-sacramental e até mesmo sua “eficácia” (nossa transformação pascal em cristo) dependem da maneira como os ritos são realizados. Em outras palavras, dependem da ritualidade”⁸⁴. Buyst define:

Por ritualidade entendemos o caráter ritual (da liturgia, no caso) enquanto ação humana que envolve todas as dimensões do ser humano que realiza o rito: corporeidade, afetividade, inteligência, espiritualidade. Supõe um trabalho expressivo, comunicativo, simbólico, capaz de levar à experiência ritual, espiritual.⁸⁵

⁸⁰ Costa cita Terrin, em seu texto para ampliar a reflexão acerca do rito e do mito. “Por causa disso, somente por meio do rito podemos celebrar a liturgia cristã. Ao recorrermos à antropologia cultural para fundamentar o rito cristão na sua *performance*, em nenhum momento o consideramos apenas rito, mas como rito/sacramento, expressão muito cara a Aldo Terrin. É justamente no rito cristão que a *performance* adquire muito mais força, pela “sua capacidade de transformar o crente, enquanto possui uma força toda particular de realizar, através dos signos, um novo modo de ser” (TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado**. p. 289). Aldo Terrin considera a *performance* do rito/sacramento a mais “completa” e “global”. In: COSTA, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 52.

⁸¹ CORDEIRO, D. José Manuel. **Corações ao alto** – Introdução à liturgia da Igreja. Lisboa: Paulus, 2014, p. 48.

⁸² “O rito só existe enquanto executado, enquanto participado de forma ativa [...], enquanto experiência ritual”. BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 145.

⁸³ LEMOS, Rogério. **O sacerdócio real: fundamento para uma participação litúrgica ativa e frutuosa dos fiéis leigos (as)**. 2014, p. 80 - 89.

⁸⁴ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 47.

⁸⁵ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 51.

Essa participação que origina a ritualidade acontece por meio dos sinais sensíveis da liturgia e leva em “conta a sua afetividade e corporeidade e a conseqüente necessidade de uma antropologia holística”⁸⁶.

O ritualismo, segundo Buyst, é quando o rito é “reduzido a formalismo, a exterioridade, sem dimensão simbólica, sem suficiente atenção ao sentido que expressa e sem envolvimento afetivo”⁸⁷. O ritualismo é a pobreza do rito em seu significado estreito do termo. Na ação ritual da liturgia se expressa a imposição da ordem não pela beleza da inteireza do ser, mas em vista de uma execução sem vida, sem sentido, fazer somente por fazer, porque tem que fazer. É válido ressaltar que ritualismo, em muitos casos, é o modo de alimentar o extremo. É possível afirmar que o ritualismo “aproxima-se” do extremismo da prática do rito, não permite comunicação, poda o acesso aos mistérios de Deus como pertença, proximidade e diálogo. É algo que obriga o fiel a ficar distante de forma fria e muda na celebração. A sua participação é apenas um detalhe exterior (sem valor) e informativo.

Portanto, a ritualidade é a expressão positiva e concreta da vivência do rito em seu pormenor, ou seja, na expressão simbólica, gestual, musical e na linguagem verbal. Buyst usa uma expressão curiosa, embora com muita propriedade, da “linguagem do silêncio”⁸⁸. A ritualidade evoca a participação do sujeito a uma ação ativa, em cada detalhe (*ad extra e ad intra*) em que a celebração está imersa; o todo da assembleia litúrgica participa plenamente do rito, de forma direta e indireta da mesma ação ritual. É a expressão verídica da ação ritual, que supõe e alimenta a fé da comunidade cristã.

2. A Liturgia da Palavra na celebração Eucarística: expressão do rito e da ritualidade

2.1 – A liturgia, como espaço próprio da Palavra

O Concílio Vaticano II valorizou amplamente a liturgia da Palavra na reforma litúrgica SC 35. A SC 24 certifica que “a escritura desempenha papel de primordial importância na celebração litúrgica. Fornece as leituras e é explicada na homilia. Cantam-se os salmos [...]”. Segundo Martín (2006, p. 150), tanto no Ocidente como no Oriente, a liturgia da Palavra tem

⁸⁶ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 48.

⁸⁷ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 51.

⁸⁸ BUYST, Ione. **O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 47.

um espaço valorizado e importante. O autor afirma que “a versão dos LXX foi o primeiro livro litúrgico da Igreja”⁸⁹.

Martín afirma que a leitura e a escuta da Palavra são práticas antiquíssima que herdamos dos judeus que praticavam a escuta da Palavra na sinagoga⁹⁰. O próprio Jesus exerceu o ministério de leitor e de pregador em (Lc 4,16-21); explicou as sagradas escrituras aos discípulos de Emaús (24,27). O autor ainda afirma que historicamente “por volta do ano 155, em Roma, São Justino deixou escrita a mais antiga descrição da eucaristia dominical. A celebração começava com a liturgia da Palavra”⁹¹. A “proclamação da palavra é um fato constante e universal na história do culto cristão”, e sem o qual, a liturgia cristã ficaria empobrecida, “de maneira que não há rito litúrgico que não tenha vários lecionários, nos quais distribuiu a leitura da Palavra de Deus de acordo com o calendário e as necessidades pastorais da respectiva Igreja”⁹². O Concílio Vaticano II considera “os lecionários da Palavra de Deus como os tesouros bíblicos da Igreja”⁹³.

Portanto, a Palavra, que é sacramento, é proclamada pela Igreja, tornando presente a pessoa de Jesus Cristo⁹⁴. O rito da Palavra é simples⁹⁵, conciso e claro. Tal simplicidade é para expressar a força na Palavra de Deus, que é o próprio Deus falando conosco numa atitude de anúncio (por parte de Deus) e escuta (por parte do povo). O ponto central é constituído pela proclamação da Palavra de Deus, por meio das leituras bíblicas, permeada de cânticos, homilia, a profissão de fé e a oração universal dos fiéis.

⁸⁹ MARTÍN, Julián Lopes. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 150. (Coleção Liturgia fundamental)

⁹⁰ SINAGOGA, (gr. ‘*sinagogein*’, ‘*reunir*’): reunião; era um lugar essencialmente de oração e instrução religiosa, entre os judeus, sendo denominados pelos pagãos de “oratório”. Antes de ser um lugar construído, era inicialmente sinônimo apenas de “reunião”. Lá acontecia a celebração básica para o serviço, sendo onde nasce a celebração cristã. A sinagoga é o lugar o povo; aí quem manda não é o escriba e basta haver oito homens para reunir-se. A leitura era complementada por uma tradição, sendo que qualquer leigo podei intervir nos estudos. JORGE, José Antônio. Sinagoga. **Dicionário Informativo, bíblico e litúrgico** – com aplicações práticas. Campinas: Átomo, 1999, p. 497.

⁹¹ MARTÍN, Julián Lopes. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 151.

⁹² MARTÍN, Julián Lopes. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 151.

⁹³ MARTÍN, Julián Lopes. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 152.

⁹⁴ DV n. 21. In: MARTÍN, Julián Lopes. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 155.

⁹⁵ SC n. 50.

2.2 - Estrutura da liturgia da Palavra

A proclamação da Palavra pós-Concílio Vaticano II prima em seguir e aplicar o método de Jesus e da Igreja apostólica de anunciar e ensinar, afirma Martín que “a leitura da Palavra de Deus se realiza sempre à maneira como o próprio Cristo, os apóstolos e os Santos Padres utilizaram as Escrituras”, portanto, “situando em primeiro lugar o mistério pascal e explicando, a partir dele, todos os fatos e palavras que plenificam a história da salvação e constituam o conteúdo das celebrações litúrgicas”⁹⁶.

De tal modo, Martín expõe que “as leituras bíblicas manifestam o desenvolvimento progressivo da história da salvação que culmina em Cristo e se prolonga nos atos litúrgicos da Igreja”⁹⁷. Para o ato de ouvirmos a Palavra de Deus em cada celebração, a Igreja organizou o calendário litúrgico⁹⁸, por meio da reforma do Ano Litúrgico SC 102 - 111.

2.3 – O ambão: o lugar teológico-litúrgico da proclamação da Palavra de Deus

A “Liturgia da Palavra é parte constitutiva da celebração eucarística, composta de duas mesas de que se alimenta o Povo de Deus; a mesa da Palavra e a mesa do Pão”. Por isso, o Concílio Vaticano II, por meio da SC n. 56, reafirma a unidade da missa, e assim “o ambão, de onde a Palavra é proclamada, e o altar, de onde o Pão é distribuído, constituem os centros focais da igreja-edifício”⁹⁹.

A mesa da Palavra recebe o nome de ambão. Etimologicamente, a palavra ambão “pode derivar do grego *ava-baivo* (subir) e indicaria um lugar elevado ao qual se sobe. Do latim, *ambiendo*, enquanto circunda e rodeia quem aí entra”¹⁰⁰. Mesmo não tendo uma definição mais precisa, o sentido é comum a vários estudiosos, como um lugar de destaque elevado para que todos não só possam ver, mas também ouvir.

O ambão teve o seu lugar reestabelecido pela reforma litúrgica, mas somente com a IGMR n. 58, é mencionado como lugar de proclamação das leituras. A IGMR diz no n. 309 que o ambão é o lugar adequado e que toda a atenção dos fiéis deve a ele se convergir. A IGMR n.

⁹⁶ MARTÍN, Julián Lopes. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 157.

⁹⁷ MARTÍN, Julián Lopes. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 157.

⁹⁸ SC n. 51.

⁹⁹ TABORDA, FRANCISCO. **O Memorial da Páscoa do Senhor** – ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 151.

¹⁰⁰ CORDEIRO, D. José Manuel Garcia. **VADEMECUM DE LITURGIA**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2012, p. 73-74.

309 afirma ainda que devem subir ao ambão somente os ministros da Palavra e que, para tal finalidade, o ambão deve ser abençoado antes do uso no culto litúrgico. “Nele, não é a funcionalidade do lugar a prevalecer; mas a dignidade da própria Palavra de Deus e da sua proclamação e, conseqüentemente, da sua conveniente audição”¹⁰¹.

2.4- A leitura

As celebrações cristãs acontecem em sua maioria em torno da Palavra de Deus, buscando edificar um diálogo entre Deus e toda a assembleia. Elas estão fundamentadas em uma estrutura orgânica que dá sentido e motivação para a presença da Palavra no culto cristão. É na liturgia sacramental da Igreja, especificamente na celebração eucarística, que a Palavra de Deus ganha uma importância maior.

As leituras bíblicas são chave principal da estrutura da celebração para motivar a assembleia à escuta e à compreensão da ação de Deus na vida do fiel, pois “mediante as leituras, é preparada para os fiéis a mesa da Palavra de Deus e abrem-se para eles os tesouros da Bíblia”. E “por isso, é melhor conservar a disposição das leituras bíblicas pela qual se manifesta a unidade dos dois testamentos e da história da salvação”¹⁰². A IGMR determina a proibição da troca das leituras e do salmo responsorial, por outros textos não bíblicos¹⁰³.

Os teólogos L. Maldonado e P. Fernández falam dos diversos modos da Palavra se manifestar na celebração eucarística. É a Palavra que evoca, eficaz, diferenciada, dinâmica e salvífica, ordenada, celebrada, proclamada¹⁰⁴.

A força da atuação da Palavra de Deus na liturgia encontra-se presente também no espaço litúrgico da eucaristia, quando:

A assembleia, reunida em nome de Cristo, recebe a Palavra, escuta-a e eleva-a para Deus como louvor. b). O sacerdote que, *in persona Christi*, preside à celebração, preside também ao anúncio da Palavra. c). O livro que é o ícone da palavra divina; nele estão materialmente contidas as Sagradas Escrituras; d). O altar que está em íntima unidade com o ambão e realiza o mistério que foi anunciado; e). Todos os sacramentos estão ligados à Palavra e, cada um a seu modo, a proclama e a põe em ação; f). O programa iconográfico visualiza

¹⁰¹ SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Espaço celebrativo**. Fátima: Artipol – Artes gráficas, Lda, 2015, p. 8.

¹⁰² IGMR. n. 57.

¹⁰³ IGMR. n. 57.

¹⁰⁴ MALDONADO, Luís.; FERNÁNDEZ, Pedro. A Celebração Litúrgica: Fenomenologia e Teologia da Celebração. In: BOROBIO, Dionisio (Org). **A Celebração na Igreja I**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 188 -194.

a Palavra e faz-se mediação sua pela celebração dos santos mistérios (mistagogia), ou evocação, narração, comentário¹⁰⁵.

A Liturgia da Palavra, além de ser um tesouro para a Igreja, ressalta a missão de escuta e atenção que todos os fiéis devem dar à Palavra de Deus.

O ambão está reservado ao lecionário, o livro que contém as leituras das celebrações está destinado ao diácono e ao leitor “por direito e dever”¹⁰⁶, que se dirigem ao ambão para realizar a proclamação da Palavra de Deus aos féis, as leituras, bem como os salmos. Pode ser usado também para a homilia e para a Oração dos Fiéis porque possuem uma íntima ligação com a Palavra de Deus, pois dela provêm e são proclamadas aos outros¹⁰⁷.

A Liturgia da Palavra possui indicações próprias, que estão contidas no Guia Litúrgico-Pastoral lançado pela CNBB.

2.5- O “leitor”: ministério do anúncio.

O ministério do leitor leigo não instituído é algo ainda vago no Brasil. Algumas dioceses têm trabalhado com pequenos grupos, com formação teológica e técnica para que esses exerçam esta importante função litúrgica nas celebrações. Hoje há uma publicação destinada a formação dos leigos para o “ministério de leitor”, não é algo expressivo nas comunidades do Brasil. O leitor tem uma importância ímpar no desenvolvimento de uma celebração litúrgica que leve a todos a celebrar a liturgia de Deus, momento histórico de salvação. O leitor é definido como ministério, porque está a serviço de Deus e da comunidade. “As leituras anteriores e o Salmo responsorial, assim como as intenções da Oração Universal, são ministério de leigos”¹⁰⁸. “Além dos leitores instituídos, que são exclusivamente varões, nas comunidades cristãs exercem esse ministério, de uma maneira mais ou menos estável, homens e mulheres que não necessitam para isso de um encargo tão oficial e permanente”¹⁰⁹.

Todavia, a Igreja pede aos leitores¹¹⁰, formados por homens e mulheres, que “sejam ‘aptos para o desempenho dessa função e que tenham cuidadosamente preparado’ (IGMR 101

¹⁰⁵ CORDEIRO, D. José Manuel Garcia. *VADEMECUM DE LITURGIA*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2012, p. 72-73.

¹⁰⁶ SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Espaço celebrativo*. Fátima: Artipol – Artes gráficas, Lda, 2015, p. 11.

¹⁰⁷ SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Espaço celebrativo*. Fátima: Artipol – Artes gráficas, Lda, 2015, p. 11.

¹⁰⁸ ALDAZÁBAL, José. Leitor. In: *vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 201.

¹⁰⁹ ALDAZÁBAL, José. Leitor. In: *vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 202.

¹¹⁰ “Outros ministérios que não são instituídos, mas que podem ser um serviço litúrgico de forma estável ou ocasional são coroinhas, leitores, etc. [...]”. In: CNBB. *Guia Litúrgico-Pastoral*. Brasília: CNBB, [s.d.]. p. 100.

e ELM 55), e que realizem o seu ministério com dignidade, em sua postura e porte, e com preparação técnica”¹¹¹. Com a finalidade de contribuir para que “a sua leitura comunique bem a Palavra de Deus à comunidade, ‘em voz alta e de forma clara e inteligente’ (ELM 14)”, “o lecionário, na sua introdução, dedica vários números para descrever a técnica, a preparação e a atitude espiritual do leitor (ELM 51-55)”¹¹².

- a) – Ministérios instituídos: são todos os serviços eclesiais que a Igreja institui com um rito próprio e são chamados assim, ministérios instituídos, depois da Reforma Litúrgica, para o serviço da Palavra, da Eucaristia e dos sacramentos.
- b) – Ministérios não instituídos: são os que brotam dos sacramentos da iniciação à vida cristã, batismo e confirmação. São todos os féis que, pelo seu sacerdócio real, participam no único sacerdócio de Cristo. Pois, pelo batismo, o fiel faz parte da assembleia litúrgica e, por isso, pode exercer no culto todas as funções litúrgicas que lhe compete¹¹³.

O fiel leigo é chamado a servir como um instrumento de Deus no anúncio da Palavra de Deus por meio do serviço da liturgia de Deus. A ele é confiado como um ministério a exercer pelo múnus batismal e desempenhar, com fidelidade de escuta e do comprometimento, a Palavra Salvadora.

A Igreja do Brasil deve investir e intensificar a formação de leitores (as) em nossas comunidades. Assumindo essa atitude, não somente irá ressaltar a importância da Palavra de Deus, mas também o papel do leigo na vida cultural da Igreja, sua missão e protagonismo.

Portanto, a Igreja deve ajuda-los a viver melhor a missão do ministério do anúncio, despertando-os para uma maior vontade, provocar a estima e admiração acerca dos mistérios de Deus que continua a falar com o seu povo em cada liturgia da terra. Enfim, para que, após uma vida de serviço, possam louvar a Deus e a bendizê-lo, além dos lábios, mas também com a própria vida.

¹¹¹ ALDAZÁBAL, José. Leitor. In: **vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 202.

¹¹² ALDAZÁBAL, José. Leitor. In: **vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 202.

¹¹³ SC n. 19; 26; 31.

CAPÍTULO III

LABORATÓRIO DE LEITURA

1. Fundamentação para um laboratório de leitura

1.1 - O Laboratório Litúrgico - sua gênese

O laboratório litúrgico é fruto da vontade de um grupo de liturgistas da cidade de São Paulo de fazer do ensino da liturgia não somente uma transmissão de conhecimento intelectual, mas também de proporcionar aos alunos do curso de liturgia uma experiência vivencial do saber litúrgico. Com a interação, por meio das vivências, o aluno do curso interage o conhecimento científico com a prática, proporcionando-lhe melhores condições de realizar uma simbiose do conteúdo, tendo como ponto inicial a sua própria experiência de fé.

O termo “laboratório litúrgico” foi usado, em 1988, pelo professor do Centro de Liturgia, padre Domingos Ormonde. O termo foi usado, segundo Baronto, quando o professor Ormonde o sugeriu em uma reunião de preparação do Curso de Conscientização do Corpo na Liturgia (1989). Ele fundamentou o uso do termo com base em sua formação de dramatização proporcionada por um curso de teatro realizado por ele. “O próprio laboratório teatral, de alguma forma, também favorecia aquilo que se buscava alcançar com o laboratório litúrgico: a experimentação, a vivência, o aprofundamento da emoção ligada à expressão, a busca da autenticidade”¹¹⁴.

Mas toda a sistematização deste curso foi possível porque um dos alunos, amante da liturgia, resolveu sistematizar em sua dissertação de mestrado no campo da educação a técnica desenvolvida pelo Centro de Liturgia da Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Baronto percebeu, segundo Buyst, “a importância desta técnica na formação litúrgica”¹¹⁵. Ele teve uma visão perspicaz, pois apostou que um estudo mais detalhado conseguiria aprofundar, no campo do conhecimento científico, uma riqueza ainda maior para a nova técnica ao ensinar uma liturgia para a vivência de uma ritualidade.

Utilizou a técnica em sua própria prática, como se tornou estudioso dela, oferecendo a todos (as) nós, agora, o primeiro fruto de suas pesquisas. Seu

¹¹⁴ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 27. (Coleção Celebrar a fé)

¹¹⁵ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 12.

trabalho revela a profundidade das raízes do laboratório litúrgico e incita a um tríplice aprimoramento: da prática do laboratório litúrgico, da formação de pedagogos (as) no uso desta técnica, do estudo destas e de outras de suas bases teóricas. Tanto os entusiastas do laboratório litúrgico como os cétricos e críticos encontrarão neste livro um referencial teórico sério, assim como elementos para aprofundamento e avaliação¹¹⁶.

O estudo empregado por Baronto é uma contribuição para a formação e capacitação de novos agentes de pastoral na ação litúrgica da Igreja no Brasil. Segundo o autor, a “ proposta da educação para a ritualidade passa mais pelo equilíbrio da emoção com a razão e o corpo”¹¹⁷.

Desta nova experiência, oxalá outras tantas possam surgir, seguindo os mesmos critérios, que são cientificidade, técnica e conhecimento na área litúrgica. A corporeidade¹¹⁸ é um elemento importantíssimo no desenvolvimento desta técnica e que não pode ser deixada de lado para que a vivência para uma ritualidade conduza a pessoa que dela participa a uma verídica experiência pela inteireza do ser.

1.2 - O que é um laboratório litúrgico?

Seu desejo era formar alunos capacitados na ciência litúrgica, não somente com o conteúdo teórico (teologia), mas que ao longo do processo de aprendizagem fossem capazes de desenvolver a prática pastoral e litúrgica, educando-os para uma ritualidade. Este foi o grande desafio que a equipe de professores na Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, assumiram com afinco ao desbravar o Centro de Liturgia¹¹⁹. A partir desse pressuposto, o “Laboratório de Liturgia” é compreendido por uma técnica para educar para a ritualidade¹²⁰.

¹¹⁶ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 12.

¹¹⁷ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 17.

¹¹⁸ “O divórcio do sensível com o inteligível rompe com a harmonia da via humana. Nossa condição corporal é sempre presente. O corpo não é apenas a sede do sensível [...]. O ser que pensa é o mesmo ser que sente [...]. O inteligível mora no corpo, mas não é livre para se mudar; não pode ser despejado”. (FREIRE, 1991, p. 26). In: BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 16.

¹¹⁹ “A dificuldade parece se formar para uma liturgia menos verbalista, menos cerebral, menos racionalista; uma liturgia mais afetiva, simbólica, orante, sem deixar de ser profética, sem deixar de ser expressão de uma fé engajada na libertação dos oprimidos”. BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 21.

¹²⁰ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 25.

Algumas características e objetivos da técnica do “Laboratório de Liturgia” apontadas por Buyst são:

1. Reflexão sobre o Corpo e a Liturgia;
2. Saber, agir e sentir, atitudes que levam a uma busca pessoal e constante de autoconhecimento;
3. O autor também origina de forma intuitiva a “teoria da unidade entre três pontos aplicada à educação para a ritualidade”. São os “**gestos externos** – que corresponderiam ao fazer; **sentido teológico-litúrgico** – que se adequaria ao pensar; e a **atitude interior** - ligada à dimensão do sentimento, da afetividade”¹²¹. Essa é a base da tese que fundamenta os trabalhos no “Laboratório Litúrgico”.
4. Conscientização do corpo na liturgia¹²².
5. O esquema metodológico do curso foi formatado ao longo do tempo, até que se chegasse a um formato mais próximo do ideal, porém nunca abriram mão do esquema inicial. Como se verifica no texto do Baronto:

Desde o início, o laboratório mantém a mesma estrutura básica: um tempo inicial preparatório, aproximações do tema, seguidas de sequências rituais preparadas, depois realizadas, repetidas e, em seguida, avaliadas. Ormonde reconhece ter sido Buyst quem deu a contribuição determinante ao laboratório litúrgico quando sugeriu que os gestos e ritos fossem analisados a partir do próprio gesto externo, do seu sentido teológico e de sua atitude interior.¹²³

6. Os objetivos, segundo Baronto, são dois: o primeiro é “conhecer e vivenciar a liturgia de maneira mais autêntica e profunda, a partir da busca da unidade/harmonia entre o gesto corporal, o sentido teológico-litúrgico do gesto e o sentimento/afeto correspondente”; o segundo é “exercitar a criatividade na vivência dos ritos, não perdendo de vista o contexto cultural, social e histórico no qual a comunidade celebrante está situada”¹²⁴.

Essas características e objetivos demonstram o quanto toda a equipe de professores e também aqueles que se puseram a estudar a ciência litúrgica no Centro de Liturgia assumiram o desafio dessa nova técnica, a partir de uma metodologia capaz de ajudá-los a fazer a interação

¹²¹ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 22.

¹²² BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 22.

¹²³BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 24.

¹²⁴BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 25.

entre vida, fé e comunidade. Podemos até arriscarmos a dizer que se assemelha ao método da catequese Renovada: o ver, o julgar (iluminar) e o agir.

1.3 – O conceito, estrutura e a fundamentação do Laboratório de Liturgia

Baronto afirma que o laboratório de liturgia nunca foi desenvolvido como um método, mas sim como uma técnica.

O laboratório litúrgico é compreendido como uma técnica para a educação da ritualidade, a partir da eleição ou “recorte” de determinado rito ou elemento litúrgico, a fim de ser vivenciado pessoal e comunitariamente, explorando, criativamente, todas as possibilidades e promovendo a tomada de consciência do sentido teológico-litúrgico, dos sentimentos e das atitudes espirituais envolvidas, em vista de uma participação mais autêntica da pessoa que realiza o rito (cf. Buyst & Silva, 1995, p. 8)¹²⁵.

Se considerarmos o laboratório litúrgico como técnica, ele está em função da inteireza do ser na vivência ritual, tendo em vista a comunhão da pessoa com o Transcendente, razão última da educação para a ritualidade. O princípio básico que rege o laboratório litúrgico é a participação. Além de estar pensando como busca de uma participação maior e mais efetiva das pessoas que realizam o rito, o laboratório litúrgico também contempla a participação enquanto princípio fundante da própria técnica, que nesse caso, prevê o direito à intervenção do educando no processo e à decisão dos procedimentos discutidos em todas as etapas. É regido pelo princípio da corresponsabilidade¹²⁶.

A técnica é caracterizada como simples pelo autor, mas que existem algumas exigências para que ocorra da forma como foi planejada e que se obtenha o resultado esperado. Embora não seja hermética, possui uma espinha dorsal que contribui para que o laboratório litúrgico atinja o seu objetivo. O laboratório litúrgico, segundo o autor, precisa de:¹²⁷

- uma pessoa ou equipe responsável por preparar previamente o planejamento das dinâmicas e do roteiro;
- um tema delimitado por um recorte do objeto (rito) a ser estudado e submetido a técnica;
- uma escolha de tema e esquema a ser trabalhado no laboratório a partir do tempo;
- clima de seriedade e disposição;
- uma primeira etapa de relaxamento e/ou aquecimento;

¹²⁵ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 25-26.

¹²⁶ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 26.

¹²⁷ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 27-43.

- exercícios de respiração, relaxamento muscular ou “algum outro exercício específico para trabalhar uma determinada parte do corpo que será mais utilizada pelo rito, gesto ou ação escolhida”. Podem também ser utilizados “jogos inspirados em manuais de meditação, de oração contemplativa, e alguns jogos e dinâmicas psicodramáticas”.
- uma segunda etapa de sensibilização e improvisação;
- uma terceira etapa que trate do “trabalho com as atitudes e os gestos do corpo em determinado rito. Este é o núcleo fundamental do laboratório, segundo Baronto, a experimentação ritual”. Alguns desdobramentos:

a) “Um breve diálogo sobre o rito litúrgico escolhido: elementos, estrutura; ”

b) O recorte do rito – “[...] escolhido determinado rito, deve-se determinar que elementos específicos daquele rito serão trabalhados”;

c) Distribuição de serviços – “definir aquilo que cada um faz durante o rito”;

d) Professores e alunos capazes de recordar a sequência do rito;

e) Experimentação da alternância do exercício dos papéis relativos aos ministérios litúrgicos entre a assembleia litúrgica, para que todos possam vivenciar a mesma experiência em momentos distintos;

f) Levantamento de questões e observações sobre o que fez, avaliando o trabalho realizado pelo grupo;

g) Possibilidade de retomar a experiência, com as modificações sugeridas por outro grupo;

h) Apresentação de novas observações;

- uma quarta etapa, composta por uma conversa de três pontos: através de uma reflexão mais sistemática e aprofundada, sempre dirigida por um professor, “os alunos são convidados a conversar sobre como foi realizado o gesto corporal, qual o seu sentido teológico-litúrgico”, “qual a atitude interior que ele suscitou. Na verdade, os três pontos são trabalhados e discutidos, progressivamente, ao longo da segunda e terceira etapa, acompanhando a ação”;
- uma quinta etapa, caracterizada pelo o processo de avaliação em que os objetivos são levados em conta, ou, se for o caso, todo o curso. “O grupo é convidado a recordar o

caminho percorrido desde as primeiras experiências realizadas até as últimas. Com a ajuda do professor, vai descobrindo o progresso alcançado na busca da melhor expressão do sentido daquele rito escolhido”.

O diálogo entre o professor e o aluno é uma constante. A partir dessa interação, como chama Baronto, ambos vão mudando seus modos de expressão: do verbal para o corporal e do explicativo para a ação. Por se tratar de uma técnica, acrescentam-se as leituras complementares com relação à temática estudada, não excluindo aulas expositivas e debates. O autor também chama a atenção para os “mini-laboratórios”.

Toda a fundamentação dessa técnica, empregada pelo curso de especialização em Liturgia desenvolvida por esse grupo de professores, é sustentado com referencial teórico-prático. Partindo da premissa que “só se aprende liturgia fazendo-a”, o grupo de professores, com base em seu conhecimento teórico e em outras áreas do saber científico, aproxima esses conteúdos para aplicar e desenvolver a técnica necessária para a aplicação do Laboratório Litúrgico no processo de aprendizado da Liturgia¹²⁸.

As fontes empregadas para compor o referencial teórico do Laboratório Litúrgico serão a pedagogia religiosa de Hélène Lubienska de Lenval, Montessori, e a oficina de teatro e de psicodrama¹²⁹. Para construção teórica que deu fundamentação ao Laboratório Litúrgico, Ione Buyst foi fundamental, juntamente com Ormonde, porém Buyst afirma que a base antropológica utilizada foi a do pensador Jean Yves Leloup¹³⁰.

1.4 – Aplicação e avaliação

1.4.1 – Aplicação

A realidade das comunidades levou o grupo de professores do Centro de Liturgia e de membros da *Revista de Liturgia* a perceber que as comunidades eram limitadas em quase todos os aspectos que as ajudariam a celebrar bem a ação litúrgica em suas comunidades.

Ao mesmo tempo, nós, liturgistas participantes do Centro e da *Revista*, fomos tomando consciência de alguns limites dessas celebrações, tais como: verbalismo; sobreposição da linguagem religiosa e da linguagem política; suspeita de alienação em relação à gratuidade dos ritos, gestos e músicas;

¹²⁸ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 44.

¹²⁹ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 45.

¹³⁰ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 46.

preocupação exacerbada com a conscientização; pouca sensibilidade com o catolicismo popular; desconhecimento das tradições litúrgicas, etc. Percebíamos que esses limites eram próprios não só dos setores de esquerda, como também característicos de uma crise maior da Modernidade¹³¹.

Pensando em aproximar a técnica do Laboratório Litúrgico a essa realidade sem descartar as demais, apostaram na possibilidade de adaptação da técnica ao nível do grupo de aplicação, assim, os leigos, os padres e até o curso de especialização em liturgia e outros grupos poderiam usufruir dela. Além de Buyst, defendeu a ampla aplicação da técnica para variados grupos o professor Ormonde:

O laboratório litúrgico pode ser usado nos mais diversos níveis de formação litúrgica: com as equipes de celebração das comunidades, com os estudantes de liturgia nos cursos superiores, com os participantes de encontros ou cursos de pastoral litúrgica, em retiros litúrgicos, com jovens e adultos nos grupos de catecumenatos e até com crianças e adolescentes na catequese¹³².

A técnica do Laboratório Litúrgico tem ajudado vários agentes em sua formação litúrgica, colaborando para que as comunidades celebrem melhor o mistério que vivenciam, tornando-se, segundo Baronto, um “facilitador do processo de educação para a ritualidade, favorecendo uma apreensão dos conteúdos do curso com uma eficácia considerável” tanto pelas comunidades como também pelo clero. Por isso, muitos institutos e centros de teologia utilizam o Laboratório Litúrgico como técnica de ensino da Sagrada Liturgia¹³³.

1.4.2 – Avaliação

O Laboratório Litúrgico sempre foi muito bem avaliado tanto por professores como pelos alunos. A aplicação da técnica do Laboratório de Liturgia é capaz de instigar o aluno a realizar uma experiência concreta entre o exercício da corporeidade (os sentidos) e o racional (o saber teológico) interação por meio de uma vivência ritual. Desta vivência ritual surge uma nova pessoa educada para uma nova ritualidade.

Outros testemunhos falam do uso dos símbolos e sinais como expressões litúrgicas que ganharam novos significados à medida que a vivência ritual os conduz para uma experiência pascal e sempre nova a cada celebração.

¹³¹ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 47.

¹³² BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 48.

¹³³ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 49.

Contudo, o Laboratório Litúrgico não é uma técnica hermética. A cada aplicação e tempo ganha novos elementos, pois vem sendo adaptada de forma criativa e reconhecida como um significativo passo para uma proposta de formação litúrgica mais abrangente e não somente racional. Um sinal claro da riqueza teológico-litúrgica do Brasil para a formação de futuros sacerdotes, religiosos (as) e do grande povo de Deus presente em nossas comunidades.

1.5 O Laboratório Litúrgico e sua contribuição para a formação dos leitores

A técnica empregada pelo Laboratório Litúrgico para uma inteireza do ser, a partir da vivência ritual na ação litúrgica, contribui para o desenvolvimento e formação de equipes de leitores, não somente pela dinâmica, mas também pela formação humana e intelectual.

O anúncio da Palavra de Deus se torna mais efetivo e eficaz porque os leitores não se tornam apenas proclamadores, mas sujeitos da ação ritual. A educação para a corporeidade contribui para a postura diante do ambão e de toda assembleia litúrgica, sensibiliza o leitor para a vida litúrgica, ajudando-o a viver uma espiritualidade litúrgica e a testemunhá-la a todos que o escutam, pois ao ser educado para a ritualidade litúrgica, é educado não somente o corpo, mas também a mente na busca de uma experiência concreta e capaz de causar uma sensação de prazer e bem-estar com Deus e seus irmãos.

Como toda técnica, a disciplina e a ordem colaboram para uma ação mais efetiva. O Laboratório Litúrgico, por mais que permita o emprego de elementos novos por meio das descobertas ao longo da vivência, não pode ser descaracterizado enquanto técnica, mesmo sendo aplicado a um grupo litúrgico específico, como é o caso das equipes de leitores. A riqueza de sua metodologia está justamente na capacidade de se abrir, e não de se descaracterizar, deixar de ser o que é. Por isso, todo o cuidado na aplicação do Laboratório Litúrgico é fundamental para que o resultado seja a expressão, de fato, dos objetivos propostos.

As equipes de leitores terão não somente uma motivação maior para o educar para a tarefa de anunciar a Palavra de Deus, mas também de se comprometer, assumindo aquelas palavras em sua vida como um norte, submetendo-se ao ritmo do Espírito. É um deixar-se transformar por aquelas palavras anunciadas que, por primeiro, fez morada em seu coração, em sua mente e em sua vida.

Portanto, o Laboratório Litúrgico ajuda na formação das equipes de leitores, na medida em que desperta no leitor uma consciência de participação mais ativa, frutuosa e plena na celebração. Como sublinha Lubienska, “a liturgia faz orar os membros; sabe conduzir da

prostração do corpo na terra à adoração em espírito e verdade”¹³⁴. O leitor tem de ser capaz de vivenciar essa experiência, que passa pela ritualidade do ser a uma vida que ganha sentido e plenitude em Deus. Cada anúncio realizado pelo leitor deve emergir uma sensação de que ele se tornou uma nova criatura em Cristo Jesus.

¹³⁴ BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico**. p. 81.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a Palavra de Deus e o rito da palavra exercido pelo ministério de leitor no rito da Palavra de Deus na liturgia sacramental revela a dignidade, a magnitude e a valor desse ministério tão específico para nossas comunidades. Embora não caiba a este trabalho fazer uma análise do fundamento teológico e eclesial, este estudo almeja apresentar algumas pistas e reflexões acerca do tema. O fiel leigo é chamado a servir como um instrumento de Deus no anúncio de Sua por meio do serviço à liturgia.

Foi imprescindível para se chegar às considerações finais, servir-se da referência bíblica, dos documentos do magistério e do conteúdo teológico. A pesquisa foi permeando os documentos do Concílio Vaticano II, dos documentos da Pontifícia Comissão Bíblica, *Verbum Domini*, do papa emérito Bento XVI, e da *Evangelii Gaudium*, do papa Francisco, do Secretariado Nacional de Liturgia de Portugal, documentos do CELAM e da CNBB. A pesquisa contou com a contribuição do pensamento de alguns teólogos em teologia bíblica e em teologia litúrgica de Portugal, Espanha e Brasil, como os textos do Jesús Castellano, Afonso García Rubio, Xavier Zubiri, Arcângelo Buzzi, Costa, César Teixeira, Mauro Negro, Luiz Eduardo Pinheiro, Ione Buyst, entre outros, que serviram de base para a construção do pensamento atual e da prática proposta pela Igreja acerca do papel e missão do fiel leigo na participação da pastoral litúrgica em nossa Igreja.

O trabalho busca apresentar em seu itinerário uma radiografia da missão do leigo no ministério do leitor, da importância que a Palavra de Deus ocupa na vida litúrgico-sacramental da Igreja Católica e, por isso, da importância do ministério não instituído do leitor. A Igreja é cômico que esse ministério pode ser confiado a um fiel leigo e como um ministério o faz pelo múnus batismal e o desempenha na fidelidade da escuta e do comprometimento com a Palavra Salvadora. Mas se constata que em nossas Igrejas particulares a falta de acuidade com o ministério do leitor é deixado sempre em segundo plano. Isto porque há uma forte tendência em valorizar os ministérios extraordinários cuja suplência acontece no exercício do ministro ordinário. Por exemplo, dando destaque ao ministro extraordinário da celebração da Palavra, das exéquias, da distribuição da sagrada comunhão dentro e fora da missa e os ministros extraordinários para a celebração do batismo e para assistência do matrimônio, prática que revela claramente uma igreja clerical, e não, como suponha o Concílio Vaticano II, uma igreja ministerial, em que o fiel leigo tem o seu próprio espaço de atuação, não por suplência, mas por direito e dever, zelo e amor às coisas de Deus.

A Igreja do Brasil deve investir e intensificar a formação de leitores e leitoras em nossas comunidades. Assumindo esta atitude, não somente irá ressaltar a importância da Palavra de Deus, mas também o papel do leigo na vida cultural da Igreja.

Portanto, a Igreja deve ajudar o fiel leigo a viver de modo profícuo à Palavra, despertando uma maior vontade em cultivar o hábito de ler e meditar a Sagrada Escritura, provocar a estima e admiração dos mistérios de Deus, que continua a falar com o seu povo em cada liturgia da Terra. Enfim, para que, após uma vida de serviço, possam louvar a Deus e bendizê-lo além dos lábios, mas também com a própria vida.

ANEXO

2 – Proposta de um Laboratório de Leitores.

Apresento uma proposta de trabalho com equipes de leitores como um esquema de um laboratório, almejando oferecer uma contribuição às equipes litúrgicas de nossa Igreja. Não apresento novidade, mas um instrumento que poderá ser modificado com o tempo, caminhada e objetivo do grupo. Parto da experiência sólida do “Laboratório de Liturgia”. O conteúdo deste esquema é para equipes de leitores já constituídas e que buscam aprimorar o serviço prestado à comunidade eclesial, entretanto, pode ser usada para colaborar na formação espiritual-pastoral-litúrgica dos novos leitores. A realização se dará por meio de oficinas, pequenos encontros nos quais se desenvolverá a figura do leitor, pessoa que “*in persona Christi*” anuncia a Palavra de Deus.

2.1 - Ambientação

A ambientação é fundamental para a aplicação desta proposta e consiste na preparação do local, que poderá ser na nave da Igreja, em uma sala ou ao ar livre, devendo-se sempre utilizar o ambão da Palavra (móvel) e de preferência todos devem se acomodar em forma de círculo, centralizando ao meio o ambão e em torno dele os participantes. É importante providenciar dois castiçais com velas ou uma Menorah¹³⁵ com sete velas e colocá-los em local determinado; e a Palavra de Deus (de preferência, o lecionário dentro do Tempo Litúrgico; mas, se não houver lecionário, pode-se utilizar a Bíblia, porém não é recomendado o uso do folheto litúrgico ou qualquer outro material).

O sentido de se acomodar em forma de um círculo é para que todos possam notar e refletir sobre a nossa igualdade perante Deus e os homens e também para que percebam que o centro de nossa vida pessoal e litúrgica é Deus, na certeza de que Deus fala conosco constantemente. Essas justificativas podem ser explicadas de maneira suave e espontânea, sem que representem uma formalidade de quem conduz a oficina.

2.2 – Equipe de facilitador

O facilitador é a pessoa que irá conduzir o grupo a uma experiência concreta e mística com Deus, que fala conosco por diversos meios, mas de modo especial pela Palavra

¹³⁵A Menorá (do hebraico מנורה - menorah - "lâmpada, candelabro"), um castiçal com sete braços, com uma haste central e seis laterais, sendo três de cada lado, feito para colocar sete velas (ou lamparinas com óleo), que representam o fogo e à luz, símbolos forte da fé judaica e cristã. Diz-se que simboliza os arbustos em chamas que Moisés viu no [Monte Sinai](#). Na liturgia católica se atribui aos sete dons do Espírito Santo, como verificamos no texto do profeta Isaias 11, 1-3. É colocado na frente do Ambão da Palavra ou em um outro lugar. Também é usado no Ofício das Trevas, durante a Semana Santa.

proclamada. Deve ser uma pessoa espiritual e que consiga ajudar o outro no processo de encontro pessoal e comunitário com Deus. Alguém que respeite a experiência pessoal do outro e seus limites, que não seja apressado e tampouco se coloque como um mestre hermético, mas que esteja junto e aprenda com a experiência e a história de vida de cada um.

É importante que o facilitador seja alguém da equipe de animação litúrgica da comunidade e que cada encontro seja conduzido por uma pessoa diferente, assim, com o passar do tempo todos terão não só a vivência de participante, mas também a de facilitador. Além disso, é importante que haja sempre uma pessoa coordenando a equipe responsável em aplicar a oficina para preparar previamente o planejamento das dinâmicas e do roteiro.

A rotatividade ajuda o leitor a sentir que a sua missão é ampla, não reduzida meramente à arte de proclamar a Palavra de Deus nas celebrações eucarísticas. Pois, além de despertar o sentido de participação plena na ação litúrgica, o leitor é provocado a colocar em prática outros valores que possui para o bem de toda a comunidade. A técnica desperta o leitor para uma consciência participativa, frutuosa, ativa e piedosa, qualificando-o para a ação litúrgica. Essas qualidades serão aproveitadas pela ação litúrgica e para despertar o senso de liderança na comunidade eclesial. Por isso, quanto maior for o domínio da prática do Laboratório de Leitores, melhor poderá ser o desenvolvimento da ação litúrgica-pastoral e a comunidade eclesial.

2.3 – Orientações práticas

1º Momento:

Antes de dar início às atividades, é necessário explicar todo o planejamento do encontro para os participantes, chamando-lhes a atenção quanto ao espaço que se encontram, a importância da postura, da respiração e o modo de proceder para que a técnica favoreça a participação harmoniosa de todos.

Depois, é importante apresentar de forma breve a temática do dia, situando a Liturgia da Palavra no Tempo e em seu contexto. Ex: A Liturgia do X Domingo do Tempo Comum, as leituras nos levarão a compreender que toda vida é sustentada por Deus, de modo particular, a vida humana.

O Rito é o da Palavra e esse recorte deve ser esclarecido sempre que for realizada a oficina. Entretanto, se o grupo considerar seguro e pertinente, é possível fazer um recorte ainda

maior utilizando, por exemplo, somente o Evangelho, uma leitura e/ou as preces da assembleia. Lembrando a todos que a oficina é uma técnica para colaborar na missão de leitor, e não um estudo bíblico. Por isso, a técnica do Laboratório Litúrgico, empregada para desenvolver este laboratório de leitores, une a parte teórica e a prática, porém não é restrita, hermética, pois permite, dentro do possível, que novas experiências sejam desenvolvidas. Portanto, a aplicação da oficina permite o uso da criatividade com bom senso.

O facilitador deve esclarecer o tempo disponível, o tema e o esquema a ser trabalhado no laboratório, fazer o convite ao grupo a mergulhar na proposta e vivenciar uma experiência do mistério de Deus. Para tal, deve buscar maneiras de provocar um clima de seriedade e disposição; relaxamento e/ou aquecimento, pois é importante que cada participante sinta a vida fluir em seu corpo, a sua potência e vivacidade.

À dinâmica do encontro, é necessário incluir exercícios de respiração, relaxamento muscular ou “algum outro exercício específico para trabalhar uma determinada parte do corpo que será mais utilizada pelo rito, gesto ou ação escolhida”. Podem ser utilizados “jogos inspirados em manuais de meditação, de oração contemplativa e alguns jogos e dinâmicas psicodramáticos”.

2º Momento:

Sensibilização e improvisação: nesta etapa, todos deverão tocar em parte do corpo, sentir a fluidez do sangue correr pelas veias, tocar o coração, o pulso, as orelhas, “*Fides audito*”; tocar a boca, as flores e sentir o seu perfume e por fim, a bíblia, o lecionário, o ambão da Palavra. Podem ser utilizados outros objetos, como pedaços de bambu, ramos verdes, flores, galhos secos, etc. Esses elementos são importantes para colaborar no desenvolvimento da sensibilização, tornando os participantes mais dóceis ao Espírito Santo de Deus e preparando-os para fazer parte de uma experiência com o mistério a ser vivenciado.

3º Momento:

Trabalhar as atitudes com o corpo e os gestos: esta etapa, em determinada parte do rito, prepara-os para a seguinte, que é a experimentação ritual, etapa importantíssima do “Laboratório de Liturgia”. Segundo Baronto, a experimentação ritual é o núcleo fundamental do laboratório e deve ser realizada a partir dos seguintes passos:

1º: Breve diálogo sobre o rito litúrgico da Palavra ou de parte. Dela, em que os elementos e estrutura do rito sejam esclarecidos a todos os participantes, podendo ser a partir de uma leitura do dia e o salmo, da aclamação ao evangelho e o evangelho ou da prece universal;

2º: Distribuição de serviços a ser executados: comentarista, leitores, salmista, aclamação ao evangelho (cantado), evangelho. Deve ser definido o que cada um fará durante o rito, pois isso é muito importante para o bom êxito do laboratório. É importante que todos recordem (reativem a memória) em relação à sequência do rito empregado e apresentado ao início do encontro;

3º: experimentação da alternância do exercício de papéis relativos aos ministérios litúrgicos entre a assembleia litúrgica para que todos possam vivenciar a mesma experiência em momentos distintos;

4º: levantamento de questões e observações sobre o que foi realizado, avaliando o trabalho desenvolvido pelo grupo, pois isso faz com que seja possível retomar e refletir a experiência vivenciada, incorporando modificações e sugestões feitas pelo grupo.

4º- Momento:

Partilha do conteúdo vivenciado: Buyst chama esta etapa de conversa de três pontos, pois, através de uma reflexão mais sistemática e aprofundada dirigida sempre pelo facilitador, os participantes “são convidados a conversar sobre como foi realizado o gesto corporal, qual o seu sentido teológico-litúrgico” e “qual a atitude interior que ele suscitou”. “Os três pontos são trabalhados e discutidos, progressivamente”, ao longo do segundo e terceiro momento.

5º- Momento:

União da prática com a avaliação: esta etapa leva em conta os objetivos e todo o percurso do encontro. Nela, o grupo é convidado a recordar o caminho percorrido, desde as primeiras experiências realizadas até a última, e com a ajuda do facilitador, vai descobrindo o progresso alcançado em busca da melhor expressão do sentido de proclamar a Palavra de Deus.

6º- Momento:

As finalizações: aqui, o caminho de toda a celebração da Palavra é refeito, partindo do Rito da Palavra, com os participantes realizando suas funções e todo o conhecimento adquirido ao longo do encontro, e todos são convidados a fazer e a sentir a experiência da escuta atenta

da Palavra de Deus. O encontro se encerra ao invocar a bênção de Deus sobre os presentes e de modo fraternal. Além do gesto do abraço e do ósculo santo, pode ser feita uma partilha de alimentos como uma maneira de confraternização eclesial.

O diálogo entre o facilitador e participantes deve ser constante, pois, a partir disso, são desenvolvidas e modificadas as expressões, por exemplo, da verbal para a corporal e da explicativa para atitudinal. Por ser uma técnica em desenvolvimento, podem ser acrescentadas leituras complementares em relação à temática estudada, além de aulas expositivas e debates.

Portanto, a técnica do Laboratório de Leitores deve ser sustentada com referencial teórico-prático, partindo da premissa de que “só se aprende liturgia fazendo-a”.

BIBLIOGRAFIA

1. SAGRADA ESCRITURA

BÍBLIA: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.

BÍBLIA: *Bíblia Sagrada*. 4^a- ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2002.

2. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO UNIVERSAL, CELAM, CNBB

BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação Apostólica Pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium* sobre a Igreja In. DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II (21-11-1964). São Paulo: Paulus, 2001.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada Liturgia In. Documentos do Concílio Vaticano II (04- 12 -1963). São Paulo: Paulus, 2001.

MISSAL ROMANO. Restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. 6^a- Ed. São Paulo: Paulus, 1992.

PAULO VI. *Instrução do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: Edições CNBB, 2008.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da bíblia na Igreja*. 5^a ed.. São Paulo: Paulinas, 2002.

CELAM. Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla, Sto. Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Documento de Aparecida. 11^a Ed. São Paulo: Ed. CNBB: Paulinas: Paulus, 2007.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. Espaço celebrativo. Fátima: artipol – Artes gráficas, Ltda, 2015.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. P livro do Leitor. Fátima: [s.n.],

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Estudos da CNBB 86 – Crescer na leitura da bíblia. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Guia litúrgico-Pastoral*. Brasília: Ed. CNBB. Brasília: CNBB, [20--].

3. AUTORES

ALMEIDA, João Carlos. Et al. *As janelas do Vaticano II: A igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Ed. Santuário, 2013.

BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2006.

BOROBIO, Dionísio. *A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990.

_____, *A celebração na Igreja: Sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1993.

BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. *Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. Trad. Antônio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.

COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CORDEIRO, D. José Manuel. *Corações ao alto – introdução à liturgia*. Lisboa: Paulus, 2014.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. Trad. Antônio Efro Feltrin. São Paulo: paulinas, 2006.

GÉLINEAU, Joseph. *Assembleia Santa*. Trad. Angelo pedrazzi. Bologna: EDB, 1991.

_____. *A Constituição litúrgica do Concílio Vaticano II: A Sacrosanctum Concilium ao seu alcance*. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2013.

LÓPEZ MARTÍN, Julián. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. Trad. Antônio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARINI, Guido. *Liturgia: Mysterium Salutis*. São Paulo: Paulus, 2011.

MEDEIROS, Damásio. *A ciência litúrgica contemporânea: Itinerários genético-epistemológicos do actus liturgicus*. Roma: LAS, 2011.

OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e Confirmação: sacramentos de iniciação*. Trad. José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: paulinas, 2007.

LE MOS, Rogério. *O Sacerdócio real: fundamento para uma participação litúrgica ativa e frutuosa dos fiéis leigos (as)*. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Frei José Arioaldo; SIVISNSKI, Pe. Marcelo. *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

TERRIN, A. N. O rito; antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.

PENTATEUCO. Teodorico Ballarinin, Enrico Galbiati, Luigi Moraldi, Trad. Ephraim Ferreirara Alves. Petrópolis: Vozes, 1975.

PINHEIRO, José Ernanne. Et al. Formação dos cristãos leigos. São Paulo: Paulinas, 1995.

TABORDA, Francisco. O Memorial da Páscoa do Senhor – ensaios litúrgicos teológicos sobre a eucaristia. 2^a- ed. São Paulo, 2009.

4. DICIONÁRIOS:

ALDAZÁBAL, José. Vocabulário básico de liturgia. Trad. Paulinas Portugal. São Paulo: Paulinas, 2013.

Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 1992

JORGE, José Antonio. Dicionário Informativo Bíblico, Teológico e Litúrgico, com aplicações práticas. Campinas: Átomo, 1999.